

A RELIGIÃO E A DIREITA NOS ESTADOS UNIDOS: UMA PERSPECTIVA CONTEMPORÂNEA

Lívia Caldeira ¹

Resumo: Com o propósito de analisar as novas tendências da Direita estadunidense, principalmente políticas, tem-se com plano de fundo uma conjuntura de influências liberais, nacionalistas e neoconservadoras. A religião, neste caso, passou a desempenhar, na última década, um papel político, sendo utilizada em retóricas de campanhas a fim de legitimar políticas públicas. Dessa forma, o recorte histórico contemplará os dois mandatos de George W. Bush (2001-2009), que foram pautados nessa retórica juntamente com a grande efervescência da Direita. Assim, de forma a se compreender, a partir de fontes secundárias, tem-se como objetivo central, analisar as tendências políticas da Direita estadunidense e, como objetivo secundário, o papel da religião no campo político desse país em específico.

Palavras-chave: *Religião. Direita. EUA.*

Abstract: With the purpose of analyzing the new tendencies of the American Right, mainly politics, within a conjuncture of liberal, nationalist and neoconservative influences. Religion, in this case, has played a political role in the last decade and has been used in campaign rhetoric to legitimize public policies. Thus, the historical cut will contemplate the two mandates of George W. Bush (2001-2009), which were based on this rhetoric and the great effervescence of the Right. Thus, in order to understand, from secondary sources, the central objective is to analyze the political tendencies of the American Right and, as a secondary objective, the role of religion in the political field of that specific country.

Keywords: *Religion. Right. USA.*

Introdução

Os Estados Unidos da América, na sua história, passaram por diversas conjunturas que foram de extrema importância para a construção de seus valores, principalmente de cunho religioso, como também para a formação do estado nacional. Algumas dessas conjunturas, sendo a Revolução Americana de 1776 e a Guerra de Secessão, merecem destaque.

A primeira, a Revolução Americana de 1776 foi o momento em que as treze colônias se tornaram independentes de sua metrópole, a Inglaterra². Como colônias durante mais de 160 anos, tanto por povoamento como por exploração, elas possuíam ideologias um tanto quanto distintas, mediante a questão, principalmente, geográfica norte e sul. No sul, havia grandes proprietários de terras e que defendiam a mão de obra escrava. Ao norte, havia aqueles que buscavam uma sociedade mais igual, com maior abertura ao desenvolvimento.

¹ Bacharel em Relações Internacionais pela Unesp de Marília.

²As colônias eram 13: *Rhode Island, Connecticut, Massachusetts, New Hampshire, New York, New Jersey, Delaware, Maryland, Pennsylvania, Virginia, Georgia, North Carolina e South Carolina.*

Mesmo sendo colônias, elas possuíam certa autonomia de sua metrópole. Contudo, isso ia diminuindo conforme os impostos sobre os produtos mais utilizados pelos colonos – como por exemplo, o chá - aumentavam. Com isso, os descontentamentos e boicotes contra a metrópole britânica começaram. Um bastante marcante foi o *Boston Tea Party* (*Festa do Chá de Boston*, como é conhecido), em 1773, onde os colonos se revoltaram com as altas taxas de impostos cobradas pelos colonizadores ingleses no comércio do chá, invadindo os navios e jogando toda a mercadoria no mar.

Esses boicotes e revoltas resultaram, em 1776, na guerra com a metrópole, tendo como fato desencadeador principal a criação da Declaração de Independência das colônias. O conflito foi responsável pela emancipação dessas colônias, a criação dos Estados Unidos da América – que foi reconhecida pela Inglaterra somente em 1783 a partir do Tratado de Paris -, uma nova constituição que seria elaborada em 1787 e influenciou outras revoluções na América e na Europa. Referente ao pensamento revolucionário nesse contexto, “as ideias religiosas contribuíram para o desenvolvimento da política e da ideologia deste movimento. Alguns elementos do pensamento revolucionário podem ser identificados como religiosos” (SILVA, 2016, p. 24-25).

Neste contexto, então, vale destacar a ideia do Destino Manifesto. Segundo Costa (2011), o Destino Manifesto foi considerado uma doutrina estadunidense fundamentada em “preceitos religiosos que legitimava e justificava a expansão dos estadunidenses a territórios alheios para a sua anexação ao território dos Estados Unidos” (COSTA, 2011, p. 2268). Ou seja, essa ideia propunha que os estadunidenses eram abençoados por Deus e escolhidos “para levar o esclarecimento aos ‘povos inferiores’ da América do Norte”. Dessa forma, há a mistura de sentimentos expansionistas, nacionalistas e religiosos, já que manifestava o projeto de expansão para o Oeste no século XIX. Atualmente, é claro não o destino manifesto como uma política, mas como um fator de influência nos setores militares e de política externa, principalmente.

Apesar de imensas conquistas, as ideias díspares presentes no norte e no sul ainda prevaleceram. Fato bastante importante também é que, desde esse período da colonização, a religião se mostrava como algo mais livre em solo estadunidense do que na metrópole, o que tornou mais fácil o surgimento de discordâncias de caráter religioso (SILVA, 2016, p. 22). Enfim, essas diferenças entre norte e sul se tornaram muito evidentes, quase um século depois, na Guerra de Secessão, caracterizada então, por ter como questão central a escravidão, onde o sul ainda a apoiava, em contrapartida com o norte, que propunha a total abolição.

Este segundo, declarava que o obstáculo maior para que a nação se tornasse plenamente cristã, era a utilização da mão de obra escrava (SILVA, 2016, p. 26).

Esses valores mais conservadores no sul, já estão presentes desde antes, no século XVIII, quando, por exemplo, Thomas Jefferson³ declarou que “aqueles que trabalham a terra são o povo escolhido de Deus, (...) cujos corações Ele constituiu no seu depósito peculiar de virtude genuína” (In: IZECKSOHN, 2003, p. 51). Em outras palavras, no sul do território, esse ideal pastoral “oferecia um apelo mais forte do que ele podia ter nos estados do Norte.” (IZECKSOHN, 2003, p. 51). Apesar dessa força religiosa ser muito maior no sul, no auge da guerra, os nortistas viam suas vitórias como “o resultado da ação divina em seu favor. A cada vez que entoavam o Hino da Batalha da República, relacionavam suas conquistas à ação e aprovação de Deus” (SILVA, 2016, p. 25-26).

³Seu mandato como presidente dos Estados Unidos perdurou de 1801-1809.

Portanto, essas duas conjunturas da história estadunidense foram importantes para a construção dos valores nessa nação, sendo eles religiosos e também nacionalista e patriotista. É por esse motivo que analisar os Estados Unidos do ponto de vista histórico e político requer um olhar diferenciado, pois a questão religiosa se tornou um fator intrínseco e peculiar tanto na sociedade como na política estadunidense. Mas, por ora, é evidente que tal cenário de mudanças e ideologias contrastantes, foi ideal para “a aliança em torno de questões de família” (SILVA, 2016, p. 47), ou seja, de caráter mais conservador e tradicional.

A Religião e a Direita nos Estados Unidos: uma perspectiva contemporânea

O Partido Republicano, que elegeu Lincoln no período anterior ao início da Guerra de Secessão, descendia do Partido *Whig*. Tinha uma base ideológica reformista, progressista, antiescravista e favorável a taxas que protegessem as indústrias e manufaturas. Na Guerra Civil, com a vitória do norte, garantiu-se o domínio quase total dos republicanos até 1913.

Atualmente, com os valores “Nosso país deve valorizar as tradições da família, da vida, da religião, da liberdade e do trabalho duro”⁴ [tradução nossa], o *GOP* (*Grand Old Party*), como também é conhecido, tem como ideologia o conservadorismo social, fiscal e o liberalismo econômico. É composto por diversas alas: Direita Cristã, Conservadores Sociais, Conservadores Fiscais, Neoconservadores, Moderados, Libertários e Liberais.

A Direita Cristã que, embora seja a menor subdivisão em quantidade de adeptos, possui a maior habilidade de incitar eleitores e é composta principalmente por protestantes, judeus ortodoxos e católicos conservadores. Os Conservadores Sociais defendem valores morais, agindo independente de sua religião. Já os Conservadores Fiscais, defendem a menor intervenção do governo e também os valores morais. Os Neoconservadores, por sua vez, encontram no liberalismo um dos principais problemas a ser enfrentado, além de pensarem nos Estados Unidos como importante parte integrante do sistema internacional. Os Moderados, compostos por indivíduos que não se aderem às questões religiosas, defendem alguns programas sociais. Já os Libertários, defendem as liberdades individuais, apoiando, portanto, o menor intervencionismo do governo. E por último, os Liberais, mais condescendentes às causas sociais e apoiam intervenção do governo, principalmente na economia.

Num primeiro momento, vale dar mais atenção a essa Direita Cristã. Na verdade, quando se coloca em foco simplesmente a Direita estadunidense, é bastante complicado estabelecer como ela funciona, quando observado seu percurso na história. De forma geral, segundo Finguerut (2008, p. 102), “a Direita apoia-se na defesa da família judaico-cristã e de seus valores. Trata-se de pensar e de olhar para a cultura americana sob as lentes das sagradas escrituras, buscando na política, a ferramenta para a concretização de ideais de nação e de sociedade”.

Porém, não é simplesmente uma “*Old Right*” (“Velha Direita”) e “*New Right*” (“Nova Direita”). Segundo Sousa (2013, p. 123), “a ‘Velha Direita’ compreende a coalizão de movimentos e indivíduos que se opôs ao *New Deal*⁵ e, mais tarde, à entrada dos EUA na Segunda Guerra Mundial.” Já a “Nova Direita”,

⁴“Our country should value the traditions of family, life, religious, liberty, and hard work”. Disponível no site oficial do Partido Republicano. Site oficial do GOP. Disponível em: < <https://www.gop.com/principles-for-american-renewal> > Acesso em: 25 de janeiro de 2018.

⁵Programa realizado no governo de Franklin Roosevelt para combater os efeitos causados pela Crise de 1929.

se apresenta em três momentos distintos: a primeira, como um grupo conservador que rompeu laços com a “Velha Direita” e se juntou ao *National Review*⁶, em 1995; nos anos 1980, foi a aliança entre favoráveis do libertarianismo econômico e os conservadores sociais, a fim de apoiar a candidatura de Reagan; e por último, aqueles que defendem valores tradicionais ligados à moral, a cultura e à família.

Dessa forma, o foco de análise é a compreensão desta última Direita. Segundo Finguerut (2008, p. 111), “sua formação provém dos anos do anticomunismo, propondo então um foco na família e na hegemonia militar estadunidense. Apesar de forte influência, não são maioria. Segundo Finguerut (2007, p. 2), “não passam de cerca de 25% do eleitorado hábil a votar. Porém, essa ‘minoría estatística’ de perfil branco, evangélico e rico, que clama por uma ‘maioría moral’, consegue, na hora do voto, mostrar-se extremante articulada”. Ou seja, deve-se considerar que há uma estrutura de mais de 70 mil igrejas, centenas de canais de televisão e 1500 estações de rádio. Programas como os de Pat Robertson e de James Dobron, na televisão e no rádio, respectivamente, atingem mais de um milhão de telespectadores em noventa países com mais de 40 línguas diferentes e cinco milhões de ouvintes por semana (FINGUERUT, 2007, p. 2). Dessa forma, a propagação das ideias dessa ala conservadora e religiosa é extremamente ampla.

O caráter conservador esteve presente desde muito antes na história do Partido Republicano. Tal denominação, até 1950, era evitada pelos próprios republicanos de direita. Contudo, a partir de 1960, “o adjetivo já se tornara respeitável, não somente entre a minoría conservadora (...), mas também no uso público” (LUKÁCS, 2004, p. 77).

Segundo Scruton (2015, p. 51, “o conservadorismo surge diretamente da sensação de pertencimento a alguma ordem social contínua e preexistente e da percepção de que esse fato é importantíssimo para determinar o que fazer”. Ou seja, essa ordem pode ser relacionada a alguma sociedade, comunidade, classe, igreja, governo ou até mesmo uma nação. Com base na definição de Bobbio (p. 242-246, o conservadorismo está intimamente relacionado com o termo progressismo. No caso, o conservadorismo tende a evitar o progressismo, no sentido de preservar as instituições e valores tradicionais, a manutenção da ordem pública e também, da moralidade tradicional (FELINI, ANDRADE, ano, p. 30. O desejo de conservar, segundo Scruton (2015, p. 53, “é compatível com todos os tipos de mudança, desde que essa mudança signifique continuidade”. Dessa forma, também se pode relacionar o conservadorismo com valores religiosos, já que estes pregam a moralidade e preceitos tradicionais.

Segundo Losurdo (2009, p. 11, “a religião é chamada a desempenhar em nível internacional uma função política de primeiro plano, ou seja, há a presença de uma tradição política que se exprime com uma linguagem explicitamente teológica”. Como também, não se pode entender as relações internacionais à parte da religião, já que na realidade atual, mais do que antes, há a presença de “conflitos étnico-religiosos, discursos fundamentalistas, influência crescente de bancadas religiosas em inúmeros parlamentos, tensões identitárias (... e crescentes níveis de intolerância” (MATEO, 2011, p. 41).

Assim, como a religião pode ser definida? Segundo Mateo (2011, p. 40), ela “pode ser vista como recurso de poder e legitimidade, como norma de moralidade, tradição social, cultura, identidade,

⁶“A *National Review* foi fundada em 1955 por William F. Buckley Jr. como uma revista de opinião conservadora. Desde então, a revista definiu o movimento conservador moderno e desfruta da mais ampla lealdade entre os conservadores americanos.” [tradução nossa]. (“*National Review* was founded in 1955 by William F. Buckley Jr. as a magazine of conservative opinion. The magazine has since defined the modern conservative movement and enjoys the broadest allegiance among American conservatives.”). Site oficial da *National Review Magazine*. Disponível em: < <https://www.nationalreview.com/frequently-asked-questions/> > Acesso em: 16 de Abril de 2018.

discurso, entre tantos outros”. Isso se torna bastante esclarecedor, visto que a população estadunidense passou a ser cada vez mais simpática aos valores tradicionais de família e da moral, a igreja, ao *laissez-faire*, entre outros.

O grande aumento no número de tradições religiosas é um fenômeno essencialmente moderno, advindo da Reforma Protestante que inaugura, no universo simbólico cristão, a possibilidade de livre interpretação dos preceitos divinos. A mediação entre os planos terreno e espiritual deixa de ser entendida enquanto primazia de um corpo eclesiástico de escolhidos. A Igreja Católica já não é mais o elo com o transcendental, e este passa a ser entendido de forma individualizada e, portanto, descentralizada. (MATEO, 2011, p. 28)

A religião, atualmente, ganhou uma forma única: ela se tornou instrumento de discurso político, de convencimento, de livre interpretação e, principalmente, protagonista das plataformas de partidos políticos, no caso, o Partido Republicano. Segundo Silva (2016, p. 9), “teologia política possui dois níveis discursivos: um é constituído pelas indagações sobre a transcendência divina; o outro pelas interpretações que os homens fazem da palavra de deus e de sua ação no mundo”. Em outras palavras, há a compatibilidade entre o que é divino e o que é político. Dessa forma, vale lembrar, segundo Mateo (2011, p. 77), que “para 38% da população norte-americana, a religião influenciará diretamente na hora de votar, indicador este que é mais proeminente entre republicanos (31%) que entre democratas (20%)”.

No percurso político dos Estados Unidos, o primeiro presidente que mais se destacou, no sentido de reafirmar valores conservadores, neoconservadores e religiosos, foi Ronald Reagan. Na verdade, segundo Nisbet, “no fundo da alma, o Presidente Reagan não é republicano-conservador, mas democrata do *New Deal* e da Segunda Guerra Mundial” (NISBET, 1987, p. 169). Contudo, a simpatia por esses valores fez com que os preceitos conservadores e neoconservadores fossem ainda mais afirmados. Tal declaração de Nisbet demonstra que, além de sua simpatia para com o conservadorismo, que uma melhor explicação para o caráter ideológico de Reagan seria como favorável ao liberalismo econômico e a supremacia estadunidense.

Nesse sentido, o neoconservadorismo havia ganhado seus principais traços no governo Reagan na década de 1980. Porém, sua chegada de fato em solo estadunidense já havia sido na década de 1930, junto com refugiados europeus antes da Segunda Guerra Mundial.

Contudo, apesar de algumas semelhanças entre o conservadorismo e o neoconservadorismo, a associação entre os dois como comuns, não é correta. Como mostra Finguerut (2008, p. 38, os neoconservadores tendem a pensar de forma mais significativa na política internacional, além de pensarem no *status quo* como diferente de vinte anos atrás. Em outras palavras, os conservadores se preocupam com a ordem pública e a moralidade, enquanto os *neocons* se preocupam com a política externa de forma com que os valores estadunidenses sejam exportados para o restante do mundo.

Segundo Kristol⁷, a diferença entre conservadorismo e neoconservadorismo residia na noção de que o primeiro se baseava primordialmente no fato de manutenção da ordem pública e da moralidade tradicional, ao passo que o segundo não se preocupava em pensar primordialmente sobre a realidade interna estadunidense, mas sim em analisar sua política externa. O objetivo neoconservador consistiria mais em

⁷Considerado o “padrinho” do neoconservadorismo, na década de 1960, Kristol começaria a lançar as bases do pensamento neoconservador. Num contexto de Guerra Fria, essas bases lançadas pelo jornalista quebrariam com a visão do tradicional conservadorismo dos Estados Unidos.

superar os conservadores em matéria de política internacional, abrindo espaço para a exportação dos valores estadunidenses. Além disso, os neoconservadores apresentam certo ceticismo quanto à legitimidade internacional, tendo as leis, as instituições e até mesmo opinião pública internacionais irrelevantes (ANDRADE; FELINI, p. 30).

Segundo Finguerut (2008, p. 19-20, Kristol partia da definição do neoconservadorismo não como um movimento, mas sim, como uma persuasão, ou “questão de ideias”. A defesa dos neoconservadores consiste em um Estado mais forte, com menos impostos. Na política externa, teriam quatro pontos centrais: o patriotismo, a oposição a um governo mundial que poderia resultar em uma tirania generalizada, ato de governar definido como a distinção entre amigos e inimigos e, o quarto, a revalorização do interesse nacional. Para Kristol, o patriotismo seria algo peculiar para os Estados Unidos, assim como a sua política externa estar voltada aos seus interesses ideológicos.

Segundo Finguerut (2008, p. 38, “os neoconservadores são internacionalistas, unilateralistas se necessário, buscam se organizar para influenciar e fazer parte do governo, além de dialogarem estrategicamente com grupos evangélicos e cristãos pró-Israel” e possuem seus próprios *think tanks*⁸ e revistas. Independentemente de qual partido está no poder, os neoconservadores formam sua visão de mundo, sem necessariamente divulgá-la a fim de conquistar adeptos (FINGUERUT, 2008, p. 33).

Segundo Felini e Andrade (p. 30, “os neoconservadores foram, aos poucos, difundindo sua teoria e ampliando-a, sendo que uma de suas principais características repousa na tendência de ver o mundo prioritariamente pela ótica do bem/mal”. Assim, a corrente neoconservadora não acredita em mudanças substanciais no ramo socioeconômico das sociedades, trazendo então uma ideia bastante conservadora do tradicional.

Além disso, por apresentarem certa desconfiança em relação às instituições e leis internacionais, a sua política externa se difere de uma postura isolacionista. Ou seja, eles veem os Estados Unidos inseridos em um contexto internacional, embora somente a sua visão, ideias e valores sejam considerados relevantes. Assim, os neoconservadores utilizaram o poder e a influência do país, trazendo a ideia da política externa a um caráter nacionalista e patriótico. Os neoconservadores faziam suas análises acreditando na existência de uma suposta singularidade dos Estados Unidos em relação aos demais Estados (TEIXEIRA, 2007, In: FELINI; ANDRADE, p. 31).

Colocando em foco o mandato de George W. Bush, que se inicia em 2001, assim como Reagan, Bush tinha uma forte retórica religiosa. Segundo Mateo⁹ (2011, George W. Bush reforçou o ideal da providência divina e de legitimar políticas públicas, fundamentadas, muitas vezes, numa retórica religiosa. Um exemplo claro, para a autora, é o discurso do presidente W. Bush de 2002¹⁰: “Queremos uma nação que

⁸Os *think tanks* são compreendidos como um braço político dos partidos e diferentes correntes doutrinárias e ideológicas dos Estados Unidos. São influentes, populares, com uma organização nova e eficiente (FINGUERUT, 2008, p. 40). Foram e ainda são meios de propagar as ideologias e discursos de caráter religioso, assim como continuam sendo meios para propagação de ideias. Segundo Teixeira (2007, p. 80, o termo se refere a “organizações que apoiam teóricos e intelectuais que se empenham em produzir análises ou recomendações políticas”, através de revistas, jornais ou sites, influenciando, então, a opinião pública. Em outras palavras, essas instituições se tornaram parte de um poder de argumentação dos Estados Unidos, com a habilidade não só de persuadir, mas, principalmente, de atrair. Segundo Barbosa (2017, os *think tanks* se dedicam à promoção de ideias liberais, (... “voltadas à persuasão e formação de novos consensos, intervindo nos campos da cultura, religião, economia, direitos civis, entre diversos temas. Estes grupos, exercendo influência internacional ganharam grande força e influência nos debates da opinião pública vinculadas nas mídias, com estruturas organizacionais, de comunicação e propaganda, muitas atuando em âmbito nacional e internacional”.

⁹MATEO, Luiza Rodrigues. *Deus abençoe a América: religião, política e relações internacionais dos Estados Unidos*, p. 83, dissertação de pós-graduação, Relações Internacionais, Unesp/Unicamp/Puc-SP, 2011.

¹⁰Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=2JMdkiWAXY> >

sirva a objetivos maiores do que ela mesma. Foi-nos oferecida uma oportunidade única, e não devemos deixar esse momento escapar”.

As palavras de Bush não são por si só uma novidade. O atual presidente está entre os mais religiosos da história norte-americana. Seus discursos invariavelmente são recheados de palavras e expressões que refletem sua fé pessoal (ou, em leitura mais cínica, seu apelo a uma base eleitoral conservadora e religiosa). Não obstante esse fato, o entendimento que expressa o presidente em relação ao “destino” de seu país e sua “missão no mundo” é absolutamente compatível como que, antes dele, tiveram seus antecessores na Casa Branca. Os princípios de sua teologia pública, tais como expostos por Michael Northcott e explicitados em alocuções presidenciais, não são, em essência, diferentes dos de outros presidentes, mesmo os de fé vacilante ou menor. (FONSECA, 2007, p. 153)

Nas palavras de Robert Bellah (1988, p. 98), o conteúdo desses discursos seria tão somente “[...] a mais recente manifestação de um tema que tem raízes profundamente plantadas na tradição norte-americana: a obrigação, tanto individual como coletiva, de promover a vontade de Deus sobre a Terra” (In: FONSECA, 2007, p. 153). De forma geral, segundo Finguerut (2007, p. 34-35), essa Nova Direita “que se concretizou com George W. Bush soube derrotar o *stablishment* da contra-cultura e criar um novo *mainstream* conservador”. Assim, Bush filho era um conservador, “disposto a cortar impostos, a retornar a vertente linha dura na política externa, (...) bem como capaz de colocar em seus gabinetes políticos de vertente libertária, cristã e neoconservadora” (FINGUERUT, 2007, p. 35). Para Samuel Huntington (2004, p. 68):

A religião civil permite aos norte-americanos associar secularismo político e religiosidade social, juntar Deus e pátria, de maneira a “conferir santidade religiosa ao patriotismo e legitimidade nacionalista às crenças religiosas e, dessa forma, transformar lealdades porventura em conflito em uma lealdade única a um país religiosamente favorecido”. Ao fazer isso, a religião civil “oferece bênção religiosa àquilo que os norte-americanos acreditam possuir em comum”. (FONSECA, 2007, p. 153)

A religião civil americana seria, portanto, um conjunto de expressões ritualísticas do patriotismo que auxiliam no desafio nacional de autoadoração. Ou seja, o hino nacional, exibição da bandeira, paradas em feriados patrióticos, mitificação de passagens marcantes da história com monumentos que celebram líderes políticos ou soldados de guerra, o uso de suas vidas para transmitir ideais morais, a veneração de textos fundacionais como a Declaração de Independência e a Constituição, são elos constituintes da religião civil dos Estados Unidos como de outros países (MATEO; RESENDE, 2013, p. 10).

Nascido em 1946, em Connecticut, George W. Bush ainda quando jovem, criou uma empresa de exploração de petróleo, o que levou ao seu enriquecimento. Segundo Finguerut (2008, p. 97), “como um milionário do petróleo, mudou de uma postura desregrada da juventude para a imagem de um adulto religioso e preocupado com a sociedade”. Após comprar o time de beisebol do Texas, o *Texas Rangers*, no final da década de 1980, Bush demonstrou grande habilidade para arrecadar fundos.

Dessa forma, entrou para sua primeira campanha como governador do Texas, ganhando com 52% dos votos. Assim, em 1995, segundo Finguerut (2008, p. 97), Bush teve um governo marcado “por reformas, na educação, na economia e na legislação (...), as escolas públicas receberam mais dinheiro do governo e grupos religiosos, pela primeira vez, também tiveram o direito de receber dinheiro do Estado para promoverem campanhas sociais”.

No início do seu governo, Bush teve a capacidade de projetar seu slogan de “conservadorismo com paixão” e, a partir do momento que teve uma reeleição tranquila no Texas, o governador percebeu que tinha amplo apoio, tanto no estado quanto nacionalmente, o que o fez considerar concorrer à presidência. Assim, Bush formou uma chapa juntamente com Dick Cheney, ganhando a eleição no Colégio Eleitoral, porém perdendo nos votos populares. Nesse momento, Bush é eleito presidente com 54 anos, em 2000.

Segundo o site oficial da Casa Branca¹¹, “George W. Bush, 43º Presidente (2001-2009), foi transformado em um Presidente em tempos de guerra após os ataques terroristas aéreos em 11 de setembro de 2001, enfrentando o ‘maior desafio de qualquer presidente desde Abraham Lincoln’” [tradução nossa]. A disputa entre Bush e Cheney com Al Gore e Lieberman foi acirradíssima e, dessa forma, com a vitória de Bush, segundo Finguerut (2008, p. 99), ele “prometia esforço para unir uma nação que saiu das eleições totalmente dividida e confusa. Bush também pretendia, em seu mandato, mudar a política dos EUA no Oriente Médio”.

O início de seu primeiro mandato foi impopular, em contraste com os recordes de popularidade ao final. Na época de reeleição, os temas morais continuaram como principal pauta, mas perderam atenção por conta da Guerra ao Terror. Fato interessante é que, 34% do eleitorado contra 22% que apontavam os temas morais como o decisivo para o voto, além de 91% considerarem a fé religiosa de Bush sua principal qualidade como candidato (FINGUERUT, 2008, p. 121).

Em relação à esfera político-estratégica das relações internacionais dos Estados Unidos, a partir de 2001, “a Guerra ao Terror deslocou o sentido de ação estratégica do campo do cálculo e adequação entre meios e fins para o campo quase teológico da interseção entre fé monoteísta e verdade monolítica”. (MATEO; RESENDE, 2013, p. 15)

O ataque à nossa nação também foi um ataque às idéias que fazem de nós uma nação. Nossa mais profunda convicção nacional é que cada vida é preciosa, porque cada vida é um presente do Criador, que quer que vivamos em liberdade e igualdade. Mais do que qualquer coisa, isto nos separa do inimigo que lutamos. Nós valorizamos a vida. Nossos inimigos não valorizam ninguém, nem mesmo os inocentes, nem mesmo eles próprios. E nós buscaremos a liberdade e a oportunidade que dê sentido e valor à vida. (George W. Bush em pronunciamento à nação após um ano da data de 11 de setembro de 2001 Apud MARINHO 2006). (In: FINGUERUT, 2008, p. 73)

¹¹“George W. Bush, America’s 43rd President (2001-2009), was transformed into a wartime President in the aftermath of the airborne terrorist attacks on September 11, 2001, facing the ‘greatest challenge of any President since Abraham Lincoln’”. Site oficial da Casa Branca. Disponível em: <

<https://www.whitehouse.gov/about-the-white-house/presidents/george-w-bush/> Acesso em 07 de junho de 2018.

Embora a Doutrina Bush ou Guerra ao Terror tenha sido a base de seu governo, os três pilares dessa base consistiam na Direita Cristã, nas grandes corporações e empresários e, finalmente, pelos militares. Quanto ao primeiro, ela foi responsável por lidar com assuntos como o casamento homossexual, o aborto (no primeiro mandato) e incentivou o patriotismo e o apoio frente às guerras que se sucederam após o ataque terrorista (segundo mandato). Quanto às corporações e empresários, eles focaram na criação de um sistema tributário favorável aos ricos, além de ser contrários à diminuição de sanções econômicas para países como Cuba e da África. Já em relação aos militares, eles foram responsáveis em manter a atmosfera de atenção à ameaça, o que servia como justificativa para as operações realizadas no Oriente Médio (FINGUERUT, 2008, p. 100).

Como visto, a Direita Cristã tem como base a defesa dos valores morais e tradicionais da família judaico-cristã, vendo a política como um instrumento de concretizar os ideais sagrados de nação e sociedade. Segundo Finguerut (2008, p. 102), “em números absolutos não passam de 25% do eleitorado hábil a votar. Porém, essa ‘minoridade estatística’ de perfil branco, evangélico e rico, que clama por uma ‘maioria moral’, consegue na hora do voto mostrar-se extremamente articulada”.

A extrema direita norte-americana apoia-se em um radicalismo cujo projeto político tem raízes permanentes no fascismo, conforme vimos anteriormente. Este modelo, nos Estados Unidos, trouxe consigo características reguladoras da sociedade como qualquer outro modelo extremista traria, negando os direitos de existir uma proposta diferente, de existir uma oposição. Já a doutrina neoconservadora se consolidou nos EUA durante o governo de Bush, exercendo uma influência considerável. A política externa norte-americana representou a pedra sobre a qual o governo de Bush se apoiaria. A aplicação do receituário neoconservador trouxe consigo mudanças acerca questões de guerra e cultura estadunidenses, o que, por sua vez, modificaria a maneira com a qual os Estados Unidos passaram a lidar com seus aliados e inimigos no exterior. O neoconservadorismo estadunidense durante o governo de Bush teve como prioridade tratar de questões relativas à política externa. Esta foi sua característica mais marcante até o momento que Bush vagou seu assento na Casa Branca. (ANDRADE; FELINI, p. 31-32)

Apoiando nessa base, George W. Bush foi capaz de vencer as eleições, além de iniciar a conhecida Revolução Republicana, caracterizada por obter vitórias republicanas onde tal predominância era democrata. Contudo, após a vitória de Bush e também a Coalizão Cristã (que era sua base), esperava-se que os seus discursos sobre “no âmbito doméstico, no combate ao aborto e ao homossexualismo; o incentivo à procriação, à autonomia para os pais em relação à educação de seus filhos, o incentivo ao trabalho doméstico para as mulheres e restrições à pornografia e à violência na mídia” (FINGUERUT, 2008, p. 103) fossem colocados em prática.

Segundo Finguerut (2008, p. 130), “o principal alvo da campanha de W. Bush dentro da Direita Cristã foram os evangélicos que responderam com 78% de apoio na eleição, o que significou 3.8 milhões de votos”. Assim, o presidente foi capaz de estabelecer uma maioria conservadora. Dessa forma, o

objetivo dessa Nova Direita¹² apresentada parece ser de estabelecer os valores morais que constam na sua pauta de defesa no centro da política estadunidense, o que faria com que a postura por parte deste nos âmbitos internacional e doméstica se alterasse.

Além da Direita Cristã, os neoconservadores também fazem parte dessa Nova Direita, como base fundamental do seu governo. Como visto, os neoconservadores acreditam que os Estados Unidos são um modelo de referência de nação para o restante do mundo, por se sustentarem no tripé liberdade, democracia e livre iniciativa (FINGUERUT, 2008, p. 104). Além disso, os neoconservadores acreditam e convenceram também a população de que, a resposta militar sobre o 11/09/2001 foi adequada. Assim, “eles propõem novas guerras, novos valores e fundamentalmente, uma nova política externa” (FINGUERUT, 2008, p. 104).

A relação entre 11/09/01 e os neoconservadores consta no “Projeto do Novo Século Americano” desencadeado pela PNAC e pelos trabalhos de Wolfowitz na CIA e no Pentágono que colaboraram com a segurança dos Estados Unidos. Segundo Finguerut (2008, p. 74) “os atentados de 11\09\011 aos EUA motivaram ou mesmo, fizeram emergir socialmente, ideias sobre o modo como este país se relaciona com o mundo”. Essas ideias já estavam sendo pensadas, na verdade, desde o governo Reagan dá década de 1980, onde as pautas colocadas pelos neoconservadores eram, principalmente, sobre: “onde o poder deveria estar associado à potência militar e a imagem que os Estados Unidos da América deveriam transmitir para o mundo era a de um país forte em todos os sentidos, isto é, uma potência imbatível”. (FINGUERUT, 2008, p. 74)

Entre a Coalizão e os neoconservadores há concordância de temas tais como a postura dos EUA em relação a Israel, à ONU, ao combate ao terrorismo, à guerra às drogas e ao combate à pornografia. Historicamente, ambos são anti-contracultura (revolução sexual), defendem o controle ou a proibição da violência e da pornografia na mídia, partindo de uma visão moral do mundo, no caso dos neoconservadores em relação à política externa e, no caso da Coalizão, em relação à sociedade. Além disso, neoconservadores e membros da Direita Cristã estão juntos em Think Tanks centrais para a sustentação de George W. Bush (...). (FINGUERUT, 2008, p. 105)

Vários neoconservadores acreditavam que derrotando o Iraque outros países “terroristas” cairiam, o que de fato, não ocorreu. Segundo Finguerut (2008, p. 80), essa “nova política externa”, que aqui chamamos de ‘neoconservadora’, tira a importância dos Estados e transferindo-a para grupos subnacionais, como a Al Qaeda”. Assim, a Guerra do Iraque pode ser compreendida como um projeto de poder, como

¹²A nova direita nasceu em 1968. Não é um movimento político, mas uma escola de pensamento. Suas atividades, há mais de trinta anos (publicação de livros e revistas, realização de colóquios e conferências, organização de seminários e cursos de férias, etc.) se situam em uma perspectiva eminentemente *metapolítica*. (...) Em poucas palavras, a metapolítica tem como base a constatação de que as ideias possuem um papel fundamental nas consciências coletivas e, de forma mais geral, em toda a história humana. (...) É verdade que a história é resultado da vontade e da ação do homem, porém estas se realizam sempre pautadas em um certo número de convicções, crenças, e representações que as conferem um sentido e a orientam. A ambição da Nova Direita é contribuir para a renovação destas representações sócio-históricas”. (BENOIST, Alain de; CHAMPETIER, Charles. Manifesto: a nova direita dos anos 2000)

uma maneira de manter a unipolaridade e uma maneira de implementar o poder estadunidense, como pensam os neoconservadores.

Segundo Finguerut (2008, p. 126), “a eleição de George W. Bush em 2000 mostrou um novo perfil que posteriormente foi consolidado em 2002 (eleições legislativas) e 2004 (eleições presidenciais)”. Esse novo perfil tem um eleitorado conservador e evangélicos os quais se definem como fundamentalistas. De forma geral, o governo Bush no seu primeiro mandato (2000-2004), investiu nas comunidades e nos grupos religiosos, como grande estratégia da política interna. Nesse ponto, um desses grupos políticos foi os evangélicos, que passaram a ter grande importância eleitoral, já que cresceram em questão de números nos Estados Unidos.

Assim, a política externa estadunidense após o atentado terrorista em 2001, o estabelecimento da Doutrina Bush, produziu internacionalmente um forte unilateralismo, visto que houve uma supervalorização do nacionalismo desta nação, e as operações militares no Oriente Médio mostraram que os estadunidenses eram uma nação forte e perigosa. A reeleição de George W. Bush foi com apoio decisivo da Direita Cristã e dos neoconservadores.

Após ser reeleito, apesar do apoio interno de Bush, ele inicia seu segundo mandato com fraca credibilidade em relação as organizações internacionais, fraco apoio de outros países ricos e o crescimento de um anti-americanismo ao redor do globo, colocando em xeque a capacidade dos Estados Unidos em dominar o âmbito internacional como grande nação hegemônica. Assim, os neoconservadores acreditam que o papel dos Estados Unidos seria justamente de transformar o mundo (FINGUERUT, 2008, p. 132).

Contudo, apesar dos seus dois mandatos ter sido marcado pelo forte apoio dos neoconservadores e da Direita Cristã, por grande força militar e política no âmbito internacional, grande nacionalismo e patriotismo dentro do solo estadunidense, os problemas gerados pelo alto investimento militar foram surgindo já no final do seu segundo mandato.

Conclusão

Portanto, nas duas últimas décadas, os Estados Unidos mostraram ter restaurado do governo Reagan da década de 1980, aspectos do ideal neoconservador, já que “os anos Reagan foram um laboratório tanto para a direita cristã como para os neoconservadores” (MATEO, 2011, p. 91). No governo de George W. Bush, tal ideal contribuiu de forma significativa para o seu êxito, principalmente após o 11 de Setembro de 2001. Contudo, a participação da religião nos discursos de congressistas, e da Direita juntamente com seus valores tradicionais e morais no cenário político em geral, não só ganharam êxito na década passada, mas estabeleceram raízes muito fortes, o que perdura até hoje nas posições tomadas por Donald Trump, por exemplo.

Além disso, a força do catolicismo no território estadunidense, seja pelo número de igrejas, de adeptos à religião, como a forma que começaram a agir de mãos dadas à política e a ditar determinadas normas tradicionais e morais dentro da sociedade, sendo em relação a assuntos comuns do cotidiano até os mais polêmicos. Assim, é importante que se entenda essa estrutura forte dos conservadores dentro das igrejas e dentro da política, para se compreender como os neoconservadores foram ganhando espaço e como, cada vez mais, a força religiosa e política estão adentrando nos discursos políticos e na mentalidade do povo estadunidense.

Fontes documentais

BOOT, Max. *Think Again: Neocons*. Foreign Policy, 28 de Out. de 2009. Disponível em: <

<http://foreignpolicy.com/2009/10/28/think-again-neocons/> > Acesso em: 05 de Dezembro de 2016.

Koch Brothers Exposed. Direção e Produção: Robert Greenwald & Brave New Films. EUA: Robert Greenwald & Brave New Films, 2012. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=2N8y2SVerW8> > Acesso em: 27 de Julho de 2016.

LAFER, Celso. *A importância da laicidade no século 21*. O Estado de São Paulo, 15 de Mai. de 2016. Disponível em: < <http://opinio.estado.com.br/noticias/geral,a-importancia-da-laicidade-no-seculo-21,10000051246> > Acesso em: 20 de Maio de 2016.

Los Neoconservadores. Direção: Charles Antoine-Bourdeau. Produção: FUTUR T.V. França: FUTUR T.V., 2004.

Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=rnjKsohPY> > Acesso em: 20 de Junho de 2016.

Untold History of United States - Bush & Obama: Age of Terror. Direção e Produção: Oliver Stone. Nova York: Oliver Stone, 2012. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=F6TGkpi_vVE > Acesso em: 02 de Setembro de 2016.

Referências Bibliográficas

BANWART, Doug. *Jerry Falwell, the Rise of the Moral Majority, and the 1980 Election*, Western Illinois Historical Review, 2013, 25 págs.

BARBOSA, J. R.. *Protestos da direita no Brasil contemporâneo: think tanks, intelectuais e aparelhos orgânicos da burguesia*. Lutas Sociais (PUCSP, v. 20, 2016, p. 151 -165.

_____, Jefferson Rodrigues. *Ideologias e regimes autocráticos chauvinistas: fundamentos e influências*. Revista Espaço Acadêmico (UEM, v. 15, 2015, p. 27 -38.

_____, Jefferson Rodrigues. *Movimentos sociais regressivos e partidos políticos chauvinistas no Brasil*. In: Filho, Paulo Alves de Lima; Novaes, Henrique Tahan; Macedo, Rogério Fernandes. (Orgs. (Org.. Movimentos sociais e crises contemporâneas à luz dos clássicos do materialismo crítico. 1ªed.Uberlândia: Navegando Publicações, 2017, p. 307-325.

BARBOSA, J. R.; PATSCHIKI, Lucas. (Org.; SMANIOTTO, M. (Org.. *Tempos Conservadores: estudos críticos sobre as direitas*. 1ª. ed. Goiânia: Gárgula Editorial (UFG, 2016, 244 págs.

BIANCHI, Álvaro et al. *Onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil*. Editora Mauad X, 2016, 256 págs.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. Editora UNB.

_____, Norberto. *Direita Esquerda: razões e significados de uma distinção política*. Editora Unesp, 1995, 129 págs.

COSTA, Priscila Borba da. *O Destino Manifesto do Povo Estadunidense: Uma Análise dos Elementos Delineadores do Sentimento Religioso Voltado à Expansão Territorial*. Anais do Congresso Internacional de História, 2011, p. 2267-2276.

FELINI, Carina Rafaela de Godoi; ANDRADE, Guilherme Ignácio Franco de, *O Crescimento do Neoconservadorismo e da Extrema Direita nos Estados Unidos da América no século XXI (2001-2009)*, p. 28-33.

FINGUERUT, Ariel. *Os Neoconservadores e a Direita Cristã nas administrações de George W. Bush*, XXIV Simpósio Nacional de História, 2007, 7 págs.

- FINGUERUT, Ariel. *A influência do pensamento neoconservador na política externa de George W. Bush*, 152 págs., dissertação de mestrado, Sociologia, Unesp, 2008.
- FONSECA, Carlos da. *Deus está do nosso lado: excepcionalismo e religião nos EUA*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, 2007, p. 149-185.
- FRANK, André Gunder; FUENTES, Marta. *Dez teses acerca dos movimentos sociais*. Lua Nova, São Paulo, n. 17, 1989, p. 19-48.
- FRIDERICH, Lidiane Elizabete. *A importância dos think tanks para a divulgação do neoliberalismo no Brasil*, revista discente do programa de pós-graduação em história – UFF, Vol. 2, n. 4, 2016, 109-129.
- KRISTOL, Irving. *The Neoconservative Persuasion: what it was and what it is*. The Weekly Standard, 2003, p. 23-25.
- LAPSKY, Igor. *Tea Party: A Direita em luta pela “liberdade”*. In: SCHURSTER, Karl et al., *Velhas e Novas Direitas: a atualidade de uma polémica*, Editora Universidade de Pernambuco, 2014, p. 91-97.
- LOSURDO, Domenico. *A linguagem do Império: Léxico da ideologia Estadunidense*, São Paulo: Editora Boitempo, 2009, 303 págs.
- LUKACS, John. *Uma nova República: História dos Estados Unidos no século XX*, Rio de Janeiro: Editor Jorge Hazar, 2004, 487 págs.
- MAINWARING, Scott. *EUA: a guinada à direita*. Editora Lua Nova, São Paulo, v. 3, n. 1, 1986, p. 58-65.
- MATEO, Luiza Rodrigues. *Deus abençoe a América: religião, política e relações internacionais dos Estados Unidos*, 142 págs., dissertação de pós-graduação, Relações Internacionais, Unesp/Unicamp/Puc-SP, 2011.
- MCADAM, Doug; TARROW, Sidney. *Movimentos sociais e eleições: por uma compreensão mais ampla do contexto político da contestação*. Sociologias, Porto Alegre, v. 13, n. 28, 2011, p. 18-51.
- MCLEOD, Aaron. *Great Conservative Minds: A condensation of Russel’s Kirk “The Conservative Mind”*, Alabama Policy Institute, 2005, 67 págs.
- NISBET, Robert. *O conservadorismo*. Editorial Estampa, Lisboa, 1987, 193 págs.
- PAIVA, AR. *Católico, protestante, cidadão: uma comparação entre Brasil e Estados Unidos* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010, 232 págs.
- O’GORMAN, Frank. *Edmund Burke: his political philosophy*. New York: Routledge, 2004, p. 242. In: QUADROS, Marcos Paulo. *O ceticismo em Edmund Burke e os pilares do conservadorismo moderno*. Intellèctus, ano XIV, n. 1, 2015, 242 págs.
- PECEQUILO, Cristina Soreanu. *A medida do sucesso: Bush, o Iraque, os Republicanos e os Democratas*. 2007, p. 9-11.
- _____, Cristina Soreanu. *As Grandes Estratégias dos Estados Unidos (1989-2010)*. Meridiano 47 v. 11, n. 120, 2010, p. 11-17.
- _____, Cristina Soreanu. *Cem dias sem Bush: o Partido Republicano, o Governo Obama e o Futuro*. Meridiano 47 n. 106, 2009, p. 11-14.
- RESENDE, Erica Simone A. MATEO, Luiza Rodrigues. *Religião, cultura e política externa norte-americana*, 4º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Relações Internacionais, 2013, 18 págs.
- ROCHA, Zeferino. *A perversão dos ideais no fundamentalismo religioso*, São Paulo, v. 17, n. 3, supl. 1, 2014, p. 761-774.
- RODEGHERO, Carla Simone. *Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria*. Rev. Bras. Hist., São Paulo, v. 22, n. 44, 2002, p. 463-488.
- SCRUTON, Roger. *O que é conservadorismo*. 1 ed. São Paulo: É Realizações, 327 págs., 2015.

- SILVA, Evaldo Sampaio da. *Leo Strauss e os três movimentos da modernidade*. Florianópolis v.12, n.2, 2013, p.321–345.
- SILVA, Ivan dias da. *Jerry Falwell e a maioria moral: um estudo sobre a relação entre religião e política no espaço público americano entre 1979 e 1989*. 248 págs., tese de pós-graduação, Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.
- SOUSA, Rodrigo Farias de. *William F. Buckley Jr., National Review e a crítica conservadora ao liberalismo e os direitos civis nos EUA, 1955-1968*, 371 págs., dissertação de Pós-graduação, História, UFF, 2013.
- SOUSA, Marcos Aurélio dias de. *O fim da guerra cultural e o conservadorismo estadunidense? Uma leitura sobre as trajetórias das ascensões e quedas da direita religiosa americana*. 2014, 320 págs.
- SOUZA, Jamerson Murillo Anunciação de. *Edmund Burke e a gênese conservadorismo*. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 126, 2016, p. 360- 377.
- STONE, Oliver.; KUZNICK, Peter. *A História não contada dos Estados Unidos*. Faro Editorial, 2015, 360 págs.
- TEIXEIRA, Carlos Gustavo Poggio. *O pensamento neoconservador em política externa nos Estados Unidos*. São Paulo: Editora unesp, 2010, 109 págs.
- TEIXEIRA, Tatiana. *Os think tanks e sua influência na política externa dos EUA: a arte de pensar o impensável*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2007, 268 págs.
- TOTA, Antônio Pedro. *Origens do bipartidarismo: uma tentativa de entender as eleições norte-americanas*. Novos estud. - CEBRAP, São Paulo, n. 81, 2008, p. 69-76.
- ULUORTA, Hasmet M. *The Tea Party: An Ethical All-American Performance*, 2016, p. 95-116.